

## LITERATURA NA ESCOLA: O TRABALHO COM O POEMA NARRATIVO

Rayonnara Késsia de Souza<sup>1</sup>  
Francineide Batista de Sousa Pedrosa<sup>2</sup>  
Maria Danúbia de Moura Lima<sup>3</sup>

### RESUMO

O trabalho realizado na sala de aula com o gênero poema narrativo é de fundamental importância na formação de sujeitos leitores. A leitura de literatura vai além da codificação e decodificação de palavras, visto que se caracteriza como uma atividade repleta de sentidos e significados e, portanto, um processo complexo. A relação existente entre o(a) leitor(a) e o texto no momento da leitura é pessoal e afeta as sensações mais particulares, ativando o senso de percepção sobre o mundo; na compreensão de um texto o(a) leitor(a) adquire experiências pautadas em um vocabulário próprio e cheio de significações. Para a elaboração do trabalho partiu-se do seguinte questionamento: o poema narrativo contribui na formação de leitores(as) de literatura? Traçou-se como objetivo geral abordar o gênero poema narrativo na perspectiva de trabalhar com a literatura em sala de aula; como objetivos específicos identificar as características do poema narrativo; diferenciar o gênero poema narrativo de outros tipos de textos; ampliar as capacidades de argumentação oral no momento de pós-leitura. O referencial teórico-metodológico baseou-se no entendimento de que a leitura de literatura e a mediação pedagógica são importantes no desenvolvimento de habilidades cognitivas, reflexão crítica e processo argumentativo. A pesquisa partiu da aplicação de uma sessão de leitura com uma turma de 5º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Parnamirim/RN; usou-se a metodologia da andaimagem com as etapas de pré-leitura, leitura e pós-leitura. Os dados apontaram que o trabalho com o poema narrativo favorece às crianças o contato com o texto, de forma a propiciar conhecimentos relevantes e habilidades leitoras e argumentativas, e que a mediação da leitura de literatura é fator primordial para a discussão e compreensão do texto literário.

**Palavras-chave:** Leitura de Literatura, Mediação Pedagógica, Argumentação, Poema Narrativo.

### INTRODUÇÃO

O trabalho intitulado “Literatura na Escola: o trabalho com o poema narrativo” surgiu a partir de estudos no grupo de pesquisa “Educação, Comunicação, Linguagem e Movimento” da UFRN, no intuito de lançar um novo olhar sobre o Ensino da Literatura. Utilizamos a narrativa poética em nossa experiência em sala de aula porque a literatura, como cita Coelho (2000), se bem mediada, poderá trazer mudanças no tocante à forma como o(a) leitor(a) ver o mundo.

---

<sup>1</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [Professorarayonnarak@gmail.com](mailto:Professorarayonnarak@gmail.com);

<sup>2</sup> Mestra em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [neidebatista15@gmail.com](mailto:neidebatista15@gmail.com);

<sup>3</sup> Especialista em Literatura e Ensino pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte - UFRN, [danubialima47@gmail.com](mailto:danubialima47@gmail.com).

No poema existe um ritmo e uma sonoridade nas palavras, o que pode ser visto por meio dos versos. Uma característica principal do poema narrativo é a inovação na linguagem que conta uma história como uma dança em que as palavras vão se movimentando movidas pelo ritmo, musicalidade e rima.

A narrativa contemporânea nos filmes infantis, por exemplo, é uma narração de conto pelas imagens, sons e ritmos que oferecem à linguagem poética todas as possibilidades expressivas. Ali, as imagens e a sonoridade acham seus ritmos próprios e podem atingir uma comunicação de alto dramatismo poético como nos afirma (Correa, 2002). Assim é o poema narrativo, todos os sons e ritmos se fazem presentes.

Seguindo essa linha de pensamento, escolhemos uma escola para colocar em prática uma sequência didática. Essa escolha não foi aleatória, três requisitos foram pensados: a) que a escola fosse de fácil acesso para as pesquisadoras, tendo em vista todos os materiais necessários para as aulas; b) que a escola apresentasse um sistema de trabalho com a leitura de literatura; c) que a escola dispusesse de uma turma de quinto ano do ensino fundamental para desenvolvimento da sequência didática.

Ressaltamos que a proposta se justifica pelo fato de que o ensino de literatura é deixado um pouco para trás no 5º ano do Ensino Fundamental. Amarilha (2009, p. 17) fala em seus achados durante as diversas pesquisas realizadas que “uma das razões para ausência da literatura na escola é que os professores não acham que esse seja um conteúdo ou atividade significativa”. Na maioria das vezes, a literatura é usada como forma de acalmar as crianças.

Elegemos como objetivo geral da pesquisa abordar o gênero poema narrativo na perspectiva de trabalhar com a literatura em sala de aula, e como objetivos específicos: identificar as características do poema narrativo; diferenciar o gênero poema narrativo de outros tipos de textos; ampliar as capacidades de argumentação oral no momento de pós-leitura.

O trabalho tem como metodologia a pesquisa qualitativa em educação, com características de intervenção, observando os pressupostos da metodologia da andaimagem (Graves e Graves, 1995). Foi realizada uma sessão de leitura com o livro “Um garoto chamado Rorbeto” (O Pensador, 2006), em uma turma de 5º ano dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental de uma escola pública da cidade de Parnamirim/RN. Para coleta dos dados foram utilizados os instrumentos de diário de campo, gravação em vídeo e observação.

Dessa forma, afirmamos que o trabalho com o poema narrativo envolvendo a prosódia, a ilustração e a argumentação, quando subsidiado pela mediação pedagógica se torna muito mais interessante em sala de aula. As crianças dão retornos positivos em relação a participação

e o interesse pelo texto literário, desenvolvendo o pensamento crítico e a argumentação na discussão durante as etapas de leitura.

Percebemos que quando há envolvimento das crianças com a literatura, ler se torna muito mais prazeroso e divertido. Para isso, será necessário um planejamento eficaz para que as ações sejam executadas, e os(as) alunos(as) construam os conhecimentos com base nas histórias lidas e nas experiências vivenciadas. Destacamos, assim, o interesse a participação como resultados positivos na mediação do poema narrativo.

## **METODOLOGIA**

O estudo se caracteriza como um trabalho de campo, sendo também uma pesquisa qualitativa em educação, com características de intervenção. Teve como campo de pesquisa uma escola pública da cidade de Parnamirim/RN, com uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental. Foram utilizadas como técnicas para a construção dos dados a observação, diário de campo e gravação em vídeo. Como metodologia de trabalho para desenvolvimento da sessão de leitura foi utilizada a metodologia da andaimagem (Graves e Graves, 1995).

De acordo com essa abordagem, a leitura por andaimes consiste em três momentos: pré-leitura, leitura e pós-leitura. A pré-leitura é destinada a explorar as hipóteses e os conhecimentos prévios do(a) leitor(a)-ouvinte quanto a leitura a ser feita. Vygotsky (1994) ressalta que é importante recorrermos as atividades que ativem os conhecimentos prévios.

No momento da leitura e de sua realização pelo(a) mediador(a), no caso da leitura em voz alta, é importante utilizar estratégias prosódicas no texto de maneira a valorizar seus componentes emotivos, ideias surpreendentes, realizações linguísticas e, assim, atrair a atenção do(a) leitor(a)-ouvinte. Isso possibilita um maior envolvimento dos sujeitos e os convoca para a interlocução com o texto.

A pós-leitura se dá mediada por perguntas lançadas aos sujeitos, oferecendo voz aos(as) leitores(as) para discussões, deixando que façam reflexões sobre o texto, e tenham a oportunidade de desenvolver a competência argumentativa. (Graves e Graves, 1995).

Para a escolha da obra utilizada, seguimos alguns critérios como: ser um livro adotado pelo Plano Nacional Biblioteca da Escola (PNBE); e observar se o livro trazia aspectos que favorecessem uma discussão em sala com os alunos dentro da temática trabalhada. Sendo assim, o livro escolhido foi “Um garoto chamado Rorbeto” de Gabriel O Pensador (2006). Ressaltamos que recebemos autorização por escrito para participação dos(as) alunos(as) na pesquisa, e que os(as) nomeamos com nomes fictícios escolhidos pelas próprias crianças.

## REFERENCIAL TEÓRICO

Faremos uma breve discussão teórica trazendo alguns entendimentos sobre leitura, literatura e mediação pedagógica. A leitura é um procedimento que vai além da decodificação de palavras, ou seja, vai além de uma simples leitura e está cheio de sentidos e, portanto, “complexo”, que segue várias direções, como aponta Jouve (2002).

Em consonância a esse pensamento, Amarilha (2009, p. 53) faz reflexões importantes sobre o ato de ler, pois, segundo a autora, “Ler é, então, participar de um teatro íntimo, ser ator e espectador ao mesmo tempo e não ter outra plateia que não a si mesmo”. Percebemos que a relação existente entre o(a) leitor(a) e o texto no momento da leitura é pessoal e afeta as sensações mais particulares, ativando o senso de percepção sobre o mundo.

Ler literatura é ter a certeza de que a sua essência é a palavra. Amarilha (2009, p. 54) afirma que “Na literatura, a palavra é o elemento mais importante, é ela que desencadeia o universo imaginado”. Para compreender um texto é fundamental que o(a) leitor(a) seja experiente nas palavras contidas nele, pois a literatura é pautada em um vocabulário próprio, cheio de significações.

Percebemos que é muito importante o trabalho com a literatura nas salas de aulas dos Anos Iniciais do Ensino Fundamental, considerando-se a amplitude do texto literário, como depositário de experiências de dimensões humanas, sociais, que se oferecem como uma possibilidade de leitura.

Podemos dizer, então, que o texto literário possui em sua essência a capacidade de fazer com que o(a) leitor(a) se envolva e se posicione, mediado pela ficção, em diálogo com a experiência de vida; o que se mostra campo fértil para a exploração da linguagem, da argumentação. O trânsito entre ficção e realidade que ocorre no processo de leitura convoca o(a) leitor(a) a se posicionar diante dos diversos contextos.

Pensar em leitura de literatura em sala de aula pressupõe imaginar a ação de um(a) mediador(a) de leitura. De acordo com Gasparin (2007, p. 115), “a mediação implica, portanto, em releitura, reinterpretação e ressignificação do conhecimento”. Pensando sobre essa afirmação, podemos dizer que a ênfase da mediação não é o conteúdo na íntegra, mas o aprender, despertando no(a) aluno(a) o “desejo”. Sentir vontade de fazer algo é sempre um ponto de partida positivo.

Na concepção Vygtskyana, o sujeito se constitui no momento que vai sendo inserido(a) nas práticas culturais, e isso em processo de interação com outras pessoas. A mediação entre professor(a) e aluno(a) requer essa interação.

Ao contrário do conhecimento espontâneo, o que se aprende na escola é (ou deveria ser) hierarquicamente sistematizado e exige, para ser compreendido, que seja intencionalmente trabalhado num processo de interação professor/aluno. Mas insistimos: tal aprendizagem só irá ocorrer se quem ensina souber conduzir o processo na direção desejada, o que implica reconstrução do saber. (Vygotsky, 1987, *apud* Moysés, 1994, p. 25).

Para mediar a leitura de literatura em sala de aula, o(a) professor(a) precisa ter clareza de seu papel. Saber que direções está tomando, se está conduzindo alunos(as) capazes de pensar por si próprios, mediados por suas provocações. É nesse sentido que Vygotsky (1987), *apud* Rego (1999, p. 74) afirma: “aquilo que é zona de desenvolvimento proximal hoje será o nível de desenvolvimento real amanhã, ou seja, aquilo que uma criança pode fazer com assistência hoje, ela será capaz de fazer sozinha amanhã”.

Quando nos reportamos ao cotidiano, percebemos que a mediação, em parceria com a criança, acontece de forma espontânea pelo adulto, sobretudo com o uso da linguagem. A criança vai reproduzindo os ensinamentos apresentados pelo adulto em um contexto de prática social. Nesse caso, as trocas de palavras se realizam como “transmissão prática interessada”, segundo o conceito de Bakhtin (1988, p. 140).

O que chama a atenção do adulto e da criança é a própria situação na qual estão envolvidos e não o próprio ato de raciocínio intelectual. Disso não há vestígios. A propósito da mediação que ocorre em âmbito escolar, Fontana (2005, p. 20) aponta que: “Já nas interações escolarizadas, que têm uma orientação deliberada e explícita no sentido da aquisição de conhecimentos sistematizados pela criança, as condições de produção do processo de elaboração conceitual modificam-se sob vários aspectos”. Quanto aos aspectos aferidos a essas interações, entende-se como papel da criança a compreensão das atividades que lhes são solicitadas como forma de perceber as concepções científicas. Nessa relação de ensinar e aprender é que se estabelece a mediação pedagógica.

## **SESSÃO DE LEITURA: RESULTADOS E DISCUSSÃO**

O livro utilizado para a sessão de leitura com as crianças do 5º ano foi “Um Garoto chamado Rorbeto” (O Pensador, 2006). Acrescentamos à metodologia de leitura uma musicalização da narrativa. Pensando na trajetória do autor do livro, que é um dos mais importantes nomes do *rapper* nacional, Gabriel o Pensador; decidimos ler uma parte da história em forma de *rapper*. Entregamos os livros a cada aluno(a) e fizemos a pré-leitura.

Quadro 1: Episódio de pré-leitura

<b>PP: Professora Pesquisadora</b>
PP: O que será que vai acontecer na história desse livro se pensarmos em seu título: um garoto chamado Rorbeto?
OLAVO: Eu acho que é um menino que vai viajar muito.
PP: Por que você acha isso?
OLAVO: Aqui na capa tem essa mão que parece um mapa.
JOSÉ: Eu acho que é sobre uma aventura.
MARTA: Acho que é um garoto que vai explorar.
PP: Por que explorar?
MARTA: Tem essas linhas, acho que são os lugares que ele explora.
PP: Vocês concordam com que os colegas disseram até agora?
CORA: Eu não concordo.
PP: Por quê?
CORA: Essa história vai falar sobre a biografia desse menino.
PP: Por que você acha isso, Cora?
CORA: Pelo título da história: Um Garoto chamado Rorbeto. Com toda certeza vai falar sobre esse Rorbeto.
PP: Observem a palavra <b>RORBETO</b> . Tem algo de diferente nela?
VINÍCIUS: Tem sim, professora. Está errado. Deveria ser ROBERTO. A letra “R” está no lugar errado.
PP: Por que será que foi escrito assim?
CARLOS: Acho que é porque ele é um menino atrapalhado.
ADÉLIA: Nada a ver, Carlos. Eu acho que foi alguém que errou o nome dele.

Fonte: Autoria própria, 2016.

Fizemos também a última pergunta de pós leitura para saber como os alunos imaginavam a aparência do Rorbeto. Cada um foi dizendo e, assim, seguimos para o momento da leitura. A primeira parte da história foi cantada.

A sala estava em silêncio quando o som com *play back* com uma base musical de *rapper* começou a tocar. Os alunos olharam assustados e ficaram esperando o que iria acontecer. Foi quando a mediadora começou a cantar. No início, alguns alunos ficaram balançando as mãos seguindo o ritmo da música, mas depois se envolveram na leitura e não tiravam os olhos do livro.

Quadro 2: Episódio de Pós-leitura

<b>PP: Professora Pesquisadora</b>
PP: Quais foram as sensações que vocês tiveram ao ouvir essa história?
VINÍCIUS: Gostei muito. É uma linda história.
PP: Por que você acha linda?
VINÍCIUS: Porque é uma superação. Ele tinha um defeito na mão e mesmo assim escrevia lindo.
MARINA: Eu fiquei com pena do Rorbeto, professora. O pai dele era ruim e errou o nome dele.
PP: Vocês concordam com essa afirmação de Marina?
CORA: Não. Porque o pai dele não era ruim. Ele apenas não sabia ler, muitas pessoas são assim.
PP: As hipóteses se confirmaram sobre a história?
TODOS: Algumas sim, outras não.

PP: Que ideias vocês trazem do Rorbeto após a leitura?
JOSÉ: Que ele era muito corajoso.
CECÍLIA: Não achei ele tão corajoso assim.
PP: Por que, Cecília?
CECÍLIA: Porque se ele fosse realmente corajoso, não teria escondido sua mão na sacola com medo dos outros.
MANOEL: É verdade. A gente não pode ter medo do que os outros vão dizer.
PP: Alguém já se sentiu como Rorbeto?
CORA: Eu já. Quando cheguei nessa escola, eu sentia que todo mundo me olhava estranho.
PP: E o que você fez em relação a isso?
CORA: Eu fiquei na minha e deixei o tempo passar. Daí percebi que as coisas foram mudando aos poucos.
ADÉLIA: Eu me sinto parecido com Rorbeto. Porque assim... sinto medo porque sei que as pessoas esperam muito de mim.
PP: Que pessoas?
ADÉLIA: Minha família, aqui na escola e em todo lugar. Minha família é muito católica e quer que eu seja exemplo. Eu não nasci para ser exemplo para ninguém.
PP: O que vocês acharam em relação à uma parte da leitura ter sido feita cantada?
OLAVO: Eu gostei muito daquela parte do <i>rapper</i> . Das rimas bem legais. Senti que poderia também aprender a rimar.
MARINA: Eu gostei, porque a senhora tipo deu uma aula, como é que posso dizer, na linguagem atual.
PP: Como assim?
MARINA: A senhora procurou satisfazer a gente no estilo de música que tá tocando atualmente, então a senhora pegou um estilo de música e a gente se identificou muito. Entendeu?
CARLOS: Eu me senti bem feliz, quando a senhora cantou e me aprofundi no <i>rapper</i> , pensei que eu tava numa balada.
MANOEL: Eu gostei, professora, porque eu achei bem interativo, não querendo excluir a parte lida, mas queria que fizesse isso mais vezes. Eu vou amar.
PP: Alguém quer falar mais alguma coisa?
ADÉLIA: Eu quero dizer três palavras: gostei pra caramba!

Fonte: Autorial própria, 2016.

Após essa discussão conversamos com os(as) alunos(as) sobre nosso fórum. Explicamos que eles(as) teriam que responder a uma pergunta e justificá-la de forma escrita. Assim, lançamos a pergunta: Em certo momento da história, o Rorbeto esconde a mão dentro de uma sacola para então ir à escola. Vocês concordam com essa atitude? Sim ou não? Justifique. A atividade foi realizada de forma escrita pelos(as) alunos(as) e exposta em um mural na sala de aula.

Tomamos como premissa para as análises alguns conceitos que permeiam o ensino de literatura em aspectos fundamentais sobre o processo de leitura: prosódia, ilustração e argumentação. Sabemos que existem outros fatores sobre o ensino de literatura, mas nos delimitamos a observar os aspectos citados.

A prosódia se caracteriza pelo estudo da entonação, ritmo, acentuação (intensidade, altura, duração), que envolve os aspectos da linguagem correlatos a fala. Ela associa as propriedades acústicas da fala que não podem ser preditas pela transcrição ortográfica; ou seja, a prosódia cuida da acentuação tônica das palavras. No ensino de literatura, ela é primordial no



momento da leitura, por esta razão, o planejamento da obra trabalhada é tão importante. Dessa forma, compreendemos que a prosódia é a

Modulação da altura, intensidade, tom, duração e ritmo da leitura oral de um texto pautada em sua coesão e coerência. Considera as relações hierárquicas do texto, a aceitabilidade da interpretação feita pelo (a) leitor (a) e as condições de interpretação leitor-texto-contexto em sua dimensão voz/audição. (Castello-Pereira, 2003 *apud* Amarilha, 2010, p. 98).

Portanto, ela é o elemento que chama a atenção e provoca os sentidos. Em nossa sessão de leitura ficou evidenciado o trabalho feito com a prosódia. Trazemos como exemplo as seguintes falas: PP: o que vocês acharam em relação a uma parte da leitura ter sido feita cantada? OLAVO: “Eu gostei muito daquela parte do *rapper*. Das rimas bem legais. Senti que poderia também aprender a rimar”. MARINA: “Eu gostei porque a senhora tipo deu uma aula, como é que posso dizer, na linguagem atual”.

Na fala desses alunos(as) percebemos que quando a prosódia é consistente, seguindo os preceitos de ritmo, sonoridade e intensidade, faz a diferença no momento de leitura e na recepção do leitor(a)/ouvinte. Quando as crianças exercem a imaginação e expõe isso em forma de diálogo, faz-nos refletir sobre esse potencial que a literatura tem de equilibrar o real e o imaginário. Ressaltamos que cantar parte da história em *rapper* - estratégia de prosódia, foi bem acolhida pelos alunos(as), porque a própria literatura possui aspectos que encontramos na música. Cantar foi apenas uma junção entre as artes literatura/música.

As ilustrações nos livros literários funcionam como elementos enriquecedores das obras, sendo um aspecto visual que impulsiona pela sua beleza e favorece a contação da história, não devendo, portanto, ser relegada pelos(as) mediadores(as) de leitura. Sobre as imagens presentes nos livros infantis, Amarilha (2009, p. 41) afirma que "a ilustração contribui para o desenvolvimento de alguns aspectos do leitor", como, por exemplo, a análise mais crítica sobre o que foi lido. Vale salientar que é necessário que o(a) mediador(a) também observe se essas imagens de fato favorecem, se não estão ali apenas para referenciar o que já está escrito, se traz algo de novo que contribui para a discussão da história.

É importante que o(a) mediador(a) de leitura explore os aspectos do livro. A ilustração é um poderoso recurso para trazer as hipóteses das crianças sobre a história. Evidenciamos que os alunos falam com muita propriedade sobre o que imaginam que irá acontecer na história; e mediados pelas imagens, conseguem também criar expectativas sobre os personagens.



Sobre o processo argumentativo, a leitura resulta na capacidade que o(a) leitor(a) terá que desenvolver para organizar as informações fornecidas pelo texto e, dessa forma, se posicionar criticamente, ao mesmo tempo em que reflete sobre o que foi lido.

A leitura interage diretamente com o contexto cultural ao qual esse(a) leitor(a) está inserido(a), tanto no momento da leitura como em outras ocasiões para dar simbologia ao texto. Thérien (1990) acrescenta que esse modo imaginário, que cada um possui, é inerente à prática de convivência social. Como nos afirma Amarilha (2012, p. 49), “A literatura é educativa em aspectos fundamentais”, ou seja, ao ler a criança tem acesso as linguagens oral e escrita, as experiências humanas, despertando a inteligência, a autonomia e o contato com o simbólico.

Garcia (1996) afirma que a argumentação ocorre da seguinte forma: construção de uma tese - consiste em uma opinião, deve ser definida como positiva ou negativa, sem deixar dúvidas ao(a) receptor(a). Para Garcia (1996, p. 381[grifo nosso]), “Proposição [é] (afirmativa, suficientemente definida e limitada; não deve conter em si mesma nenhum argumento, isto é, prova ou razão)”.

Percebemos que pelo fato de provocar muitos sentidos, a literatura oportuniza ao sujeito leitor desenvolver sua capacidade de reflexão, de maneira a poder enfrentar desafios que exijam maior capacidade de pensamento. Acreditamos que se bem mediada, explorando sua estrutura comunicativa em sala de aula, como nos aponta Zilbermam (2003), a literatura se apresenta como um fio condutor que se atrela à educação por um viés mais reflexivo, rompendo de alguma forma com o ensino tradicional.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

O ensino de literatura é muito importante na formação do(a) leitor(a). O texto literário por sua natureza ficcional ativa o imaginário e possibilita a liberdade para os sujeitos se colocarem diante do que foi lido. Desse modo, ele desperta o desenvolvimento de várias áreas do psiquismo humano, favorecendo que o(a) leitor(a) de literatura seja ativo(a) e participativo(a) durante o ato de ler.

A prática em sala de aula, como mediadoras de leitura literária, conduziu-nos a ter convicções sobre alguns pontos importantes como, a) ser um leitor(a): gostar de ler é um fator importantíssimo nesse processo de mediação de leitura; b) embasamento teórico: o(a) professor(a) que deseja obter êxito em suas aulas de leitura necessita ter clareza dos conceitos com os quais irá trabalhar; c) planejamento de leitura: para mediar a leitura não basta apenas

abrir o livro e ler. É uma tarefa bem mais laboriosa e detalhista. Então, o planejamento é uma ferramenta crucial.

Todo(a) professor(a) ciente de seu papel, que busca a formação dos(as) educandos(as), para que estes se tornem leitores(as) proficientes, pode conduzir o processo de leitura na tentativa de um conhecimento significativo, que desperte as condições de expressão, desenvolvimento de ideias, persuasão, comunicação, argumentação, percepção, sensibilidade. Isso foi notório nas observações e na aplicação da pesquisa. As crianças foram participativas e demonstraram habilidades cognitivas, mediante o processo argumentativo nas etapas de leitura.

A mediação pedagógica foi importante pois tornou as aulas mais dinâmicas, devido ao planejamento das ações, feito com antecedência, que favoreceu a aula de leitura de literatura. As crianças puderam fazer um passeio imaginário pelo campo das descobertas individuais, e praticarem a argumentação que é tão importante para o aprimoramento das reflexões e integralidade do ser humano, tendo por base o texto literário.

Destacamos, ainda, o interesse dos alunos pela leitura. A escola já favorecia um trabalho de leitura com as crianças, mas, percebemos que a metodologia da leitura por andaimes era desconhecida por eles. O professor de literatura revelou desconhecer esse tipo de procedimento, geralmente ele colocava os alunos para lerem as obras, ou levar para casa e responder alguns questionários que já vinham nos livros, ou os que eram criados por ele.

Dessa forma, concluímos que a literatura liberta a alma, eleva o coração e nos faz transcender por entre os sentimentos que permeiam o nosso ser. O encantamento decorrente da leitura da narrativa poética se dá mediado pela grandeza de sentidos que podemos encontrar no texto literário, visto que o mesmo proporciona a imersão no imaginário, desencadeia a criatividade e aflora sensações nunca antes vivenciadas.

## REFERÊNCIAS

AMARILHA, Marly. **A multimodalidade na leitura do poema e do livro de poesia em aprendizes da escola fundamental** – estudo longitudinal. Natal-RN: Programa de Pós-Graduação em Pesquisa. Pró-Reitoria de Pesquisa da UFRN. Brasília-DF: Conselho Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico, 2010.

AMARILHA, Marly. **Estão mortas as fadas?** Literatura infantil e prática pedagógica. 9. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e Filosofia da Linguagem**. São Paulo: Hucitec, 1988.

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: análise, teoria, didática**. 1. ed. São Paulo: Moderna, 2000.

CORREA, Julio. La narración de cuentos al grupo: **un modelo de construcción narrativa grupal**. Revista de Ciencias Sociales [Universidad de Costa Rica], v. 4, n. 98, p.137-153, 2002.

FONTANA, Roseli A. Cação. **Mediação Pedagógica na Sala de Aula**. Campinas/SP: Autores Associados, 2005.

GARCIA, Othon M. **Comunicação em Prosa Moderna**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1996.

GASPARIN, João Luiz. **Uma didática para a pedagogia histórico-crítica**. 4. ed. Campinas/SP: Autores Associados, 2007.

GRAVES, M. F.; GRAVES, B.B. **The scaffolding reading experience: a flexible framework for helping students get the most out of text**. In: Reading. April. 1995. HAYLES, N. Katherine [et al.]. (Orgs.). Coletânea de Literatura Eletrônica. Vol. I. Out. 2006. Disponível: <http://collection.eliterature.org/1/> Acesso em 12/01/2017.

JOUVE, Vicent. **A leitura**. Tradução de Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

MOYSÉS, Lúcia Maria. **O desafio de saber ensinar**. Campinas/SP: Papirus, 1994.

O PENSADOR, Gabriel. **Um garoto chamado Rorbeto**. 2. ed. São Paulo: Cosac Naify, 2006.

REGO, Teresa Cristina. Vygotsky: **Uma perspectiva histórico-cultural da educação**. 7. ed. Petrópolis/RJ: Vozes, 1999.

THÉRIEN, Gilles. **Pour une sémiotique de la lecture**. Protée, v. 2-3, 1990.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. Tradução de José Cipolla Neto, Luiz Silveira M. B. e Solange C. Afeche. São Paulo: Martins Fontes, 1994.

ZILBERMAM, Regina. **A literatura infantil na escola**. São Paulo: Global, 2003.